

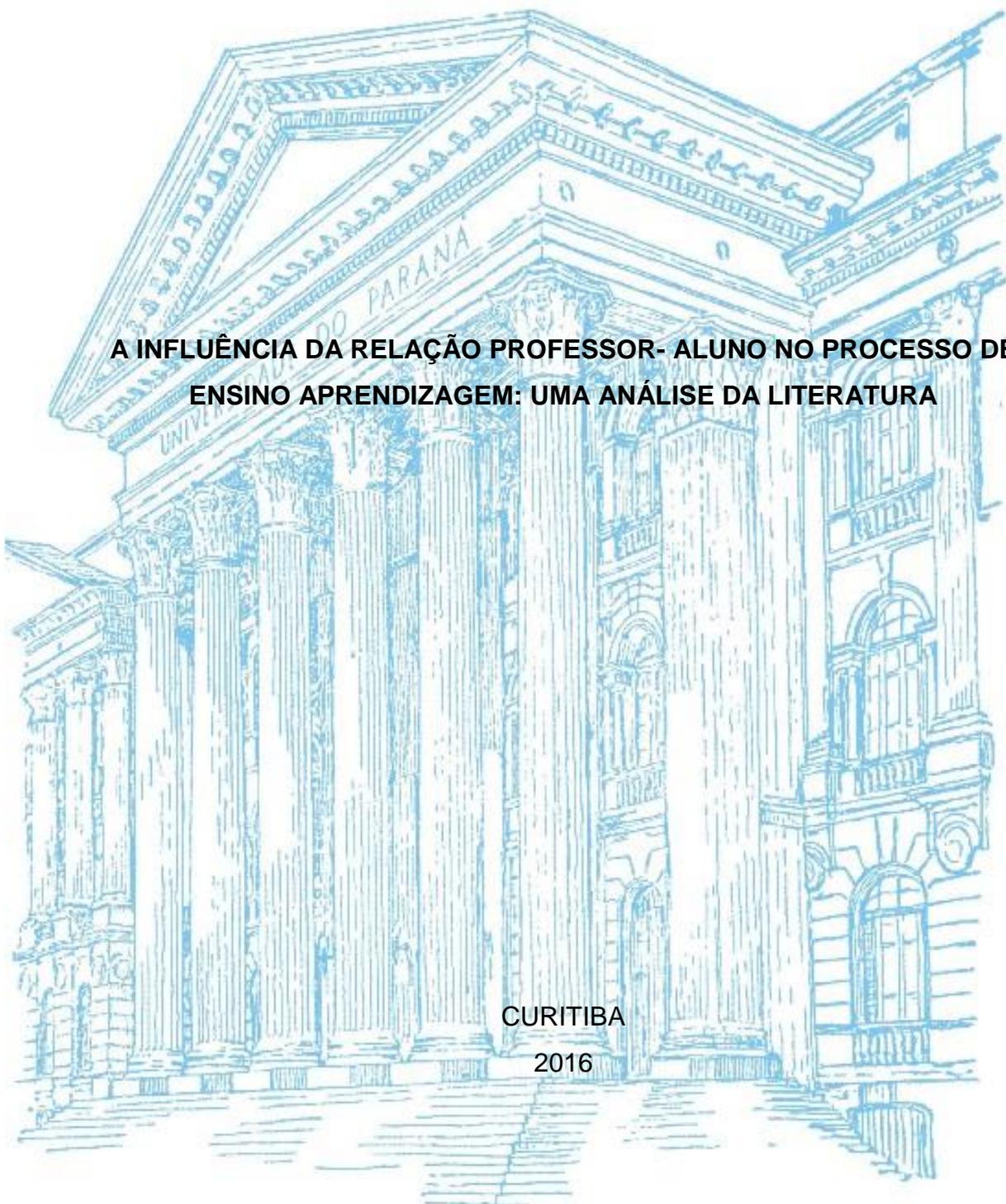
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

BEATRIZ REGINA PAUPÉRIO

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA LITERATURA**

CURITIBA
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

BEATRIZ REGINA PAUPÉRIO

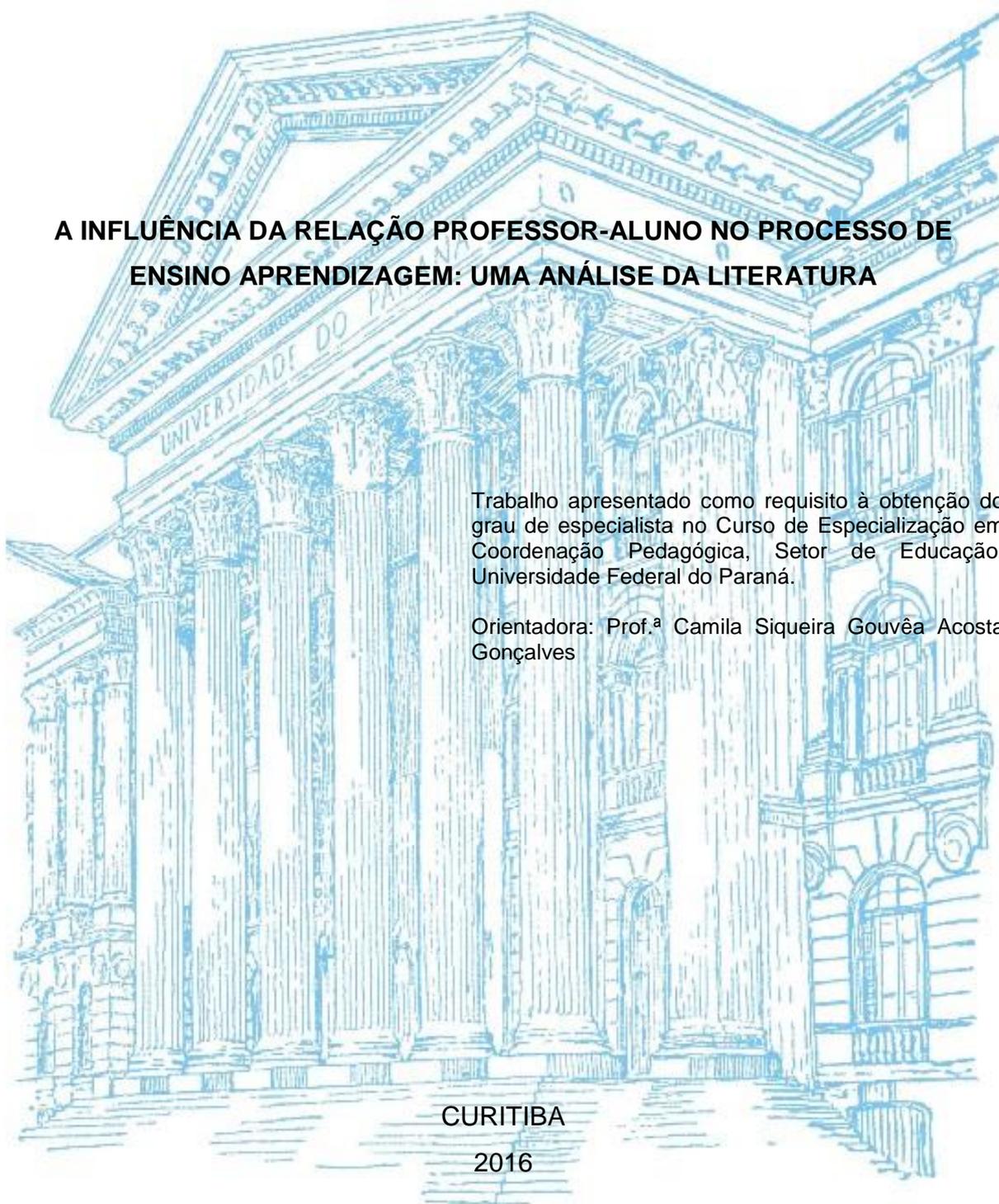
**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA LITERATURA**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves

CURITIBA

2016



RESUMO

Nesse trabalho foi realizada uma pesquisa sobre as relações entre professor e aluno e a sua influência no processo de ensino aprendizagem, na perspectiva do olhar do professor sobre o aluno. Também foram considerados, os seus possíveis efeitos na vida acadêmica dos discentes. Com isso, a pesquisa incluiu a busca de reflexões a respeito da relevância das relações que as crianças constroem na idade escolar, a importância para o seu desenvolvimento cognitivo e os efeitos sobre o processo ensino aprendizagem. Entre os aspectos destacados pelos especialistas estão: a necessidade do professor conhecer os seus alunos, valorizar seus conhecimentos prévios e estimular o desenvolvimento das suas potencialidades. Além disso, considerando que algumas crianças estão diante de sua primeira experiência escolar e outras já trazem as experiências da educação infantil, são apresentadas considerações sobre as suas expectativas ao iniciarem no 1º ano do ensino fundamental e sobre o papel do professor como mediador das relações que as crianças estabelecerão na escola. O professor atua como um facilitador da aprendizagem, de maneira a perceber seus alunos em todas as suas dimensões e estimula a afetividade. E o coordenador pedagógico promove o diálogo com os professores, com a direção e equipe escolar.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Relação professor-aluno. Afetividade.

1 INTRODUÇÃO

A relação professor-aluno é um tema de constante discussão por especialistas que buscam compreender a relevância que ela desempenha no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, esse trabalho tem como propósito analisar essa relação entre professor e aluno, com ênfase nos alunos do primeiro ano do ensino fundamental, que cumprem uma nova etapa da educação básica com seis anos de idade e vivem a transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental, ou, em alguns casos como a sua primeira experiência escolar.

Kramer (2007) destaca que a reflexão sobre a articulação dos níveis de ensino se faz necessária para que a equipe pedagógica e os professores possam construir uma prática mais atrativa, menos fragmentada, de forma a perceber o aluno em todos os seus aspectos.

Nesse sentido, a transição deve ser progressiva, prazerosa e articulada com atividades de ludicidade e comunicação com o ambiente escolarizado e no desenvolvimento da socialização. (BRASIL, 1998).

O início da fase escolar propicia o desenvolvimento cognitivo, e também é uma fase onde as relações sociais se ampliam e tornam-se importantes para as crianças, sendo pertinente ressignificar a relevância do papel do professor como mediador das relações na sala de aula e na escola. Desse modo, é necessário que os professores se preocupem cada vez mais com a importância da relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem.

Diante dessa problemática, foi realizada uma revisão de literatura nacional e posterior análise para responder ao seguinte questionamento:

Como a relação professor-aluno contribui no processo ensino aprendizagem de crianças do 1º ano do ensino fundamental?

Assim, a pesquisa teve como objetivo principal compreender as possíveis contribuições da relação professor-aluno, sua influência no processo de ensino-aprendizagem e na vivência do aluno em sociedade. Além disso, buscou-se realizar reflexões sobre a transição da educação infantil para ensino fundamental; avaliar as práticas pedagógicas que se constituem a partir da relação professor-aluno e como podem promover o conhecimento; identificar o papel do coordenador pedagógico

como mediador das relações na sala de aula e na escola; e ponderar sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

A metodologia utilizada na revisão da literatura envolveu a pesquisa em artigos científicos, livros de referência para a área, trabalhos acadêmicos sobre o tema e a legislação pertinente. Para isso, foi realizada a revisão acerca das temáticas, utilizando o seguinte método:

- Pesquisa de artigos científicos nas bases de dados: Scielo e Google Acadêmico, usando os descritores: “Ensino aprendizagem”; “Desenvolvimento Infantil”; “Relação professor- aluno”.
- Livros de referência para a área:
Formação Social da Mente - L. S. VIGOTSKI; Vygotski - Aprendizagem e Desenvolvimento Um Processo Sócio-Histórico - MARTA KOHL DE OLIVEIRA; Biologia e Conhecimento - PAULO FREIRE, A Evolução Psicológica da Criança - HENRI WALLON.
- Textos da biblioteca do curso de Pós-graduação Coordenação pedagógica, sala de Aprendizagem Escolar:
Indagações sobre o Currículo – Currículo e Desenvolvimento Humano: Elvira Souza Lima. Ensino Fundamental de 9 anos - Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica - A Infância e sua Singularidade: Sônia Kramer; A Infância na escola e na vida: uma relação fundamental: Anelise Monteiro do Nascimento; As crianças de 6 anos e as áreas do conhecimento: Patrícia Corsino.
- A legislação educacional brasileira: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Ensino Fundamental de Nove Anos – Orientações Gerais; BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Parecer CNE/CEB nº. 22, 17 de dezembro de 1998; Legislação Educacional Brasileira: LDB 9394/96.

Os termos “ensino-aprendizagem”, “relação professor-aluno” e “afetividade” adotados nesse trabalho seguem as seguintes definições:

Ensino-aprendizagem: segundo Vigotski (2003), o aprendizado deve estar combinado com o desenvolvimento, a aprendizagem escolar produz um novo

desenvolvimento na criança, envolvendo aquele que aprende e aquele que ensina e a relação entre eles. O autor define a relação entre desenvolvimento e aprendizagem na fase escolar através da sua teoria da zona de desenvolvimento proximal, como:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKI, 2003, p. 112).

Relação professor-aluno: a forma como o professor se relaciona com o aluno é refletida nas relações do aluno com o conhecimento e nas relações aluno-aluno. (WALLON, citado por MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 26).

Afetividade: abrange aspectos da emoção e da motivação que interfere na autoestima, no déficit de atenção, na hiperatividade, na disciplina, e principalmente no processo de ensino-aprendizagem, interferindo no resultado. Em decorrência, a ausência de afetividade gera o fracasso escolar e a indisciplina. (ROMANOWSKI, 2007).

A análise envolveu os seguintes tópicos: os processos de aprendizagem, a relação professor-aluno no 1º ano do ensino fundamental e a influência da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem.

2 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

De acordo com a psicologia da aprendizagem de cunho sócio-construtivista, a aprendizagem está presente em nossas vidas desde o nascimento, quando começamos a interagir com familiares, amigos, e depois na escola com colegas, professores e equipe escolar.

Segundo Vigotski (2003), a relação entre aprendizado e desenvolvimento é constituída por dois tópicos separados. Como destaca o autor, deve-se considerar “primeiro a relação geral entre aprendizado e desenvolvimento; e segundo, os aspectos específicos dessa relação quando a criança atinge a idade escolar.” (VIGOTSKI, 2003, p. 109).

Vigotsky (2003) destaca que a aprendizagem começa antes de as crianças frequentarem a escola, pois cada uma já traz para escola uma história prévia. De acordo com Vigotski (2003, p. 110) “desde o primeiro dia de vida, a aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados.”

De acordo com Oliveira (2010), a aprendizagem na escola deve ser construída a partir do nível de desenvolvimento real, tendo como objetivo alcançar etapas posteriores. O professor tem o papel primordial de interferir na zona de desenvolvimento proximal, provocando avanços que não ocorreriam de forma espontânea.

A zona de desenvolvimento proximal, é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto, ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 2003, p.112).

Portanto, a zona de desenvolvimento real define aquilo que a criança já amadureceu, ou seja, o que já consegue realizar sozinha, e o nível de desenvolvimento potencial define aquilo que a criança consegue realizar com a assistência de outra pessoa.

Conforme Freire (1996, p. 26), “nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”.

Para o autor, a escola é um ambiente favorável à aprendizagem significativa. É um espaço que deve contribuir como estímulo às descobertas, à criatividade, à curiosidade, e ao raciocínio lógico. (FREIRE, 1996).

Segundo Friedmann (1996, p.54):

A escola é um elemento de transformação da sociedade, sua função é contribuir, junto com outras instâncias da vida social, para que essas transformações se efetivem. Nesse sentido, o trabalho da escola deve considerar as crianças como seres sociais e trabalhar com elas no sentido de que sua integração seja construtiva. (FRIEDMANN, 1996, p.54).

Assim a autora defende que a escola é um ambiente de transformação dos sujeitos que deve reconhecer os conhecimentos existentes, a realidade sociocultural de seus alunos e junto de outras esferas da sociedade, e promover a construção do conhecimento.

Para isso, segundo Lima (2007, p. 103):

A escola, local onde se ensina precisa ser transformada principalmente, num local onde se aprende, onde se fala, onde se ouve, onde se respeita, onde se ama; um local onde as singularidades, as diferenças, os confrontos e os afetos se misturam e se completam, numa dinâmica de alternativas, esperanças e possibilidades. (LIMA, 2007, p. 103).

Sendo assim, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor na escola precisam ser permeadas por aprendizagem, mas também por diálogo e participação, onde a voz do aluno possa ser ouvida e considerada.

Lima (2007) salienta ainda que todas estas questões se misturam, se completam e se desdobram em possibilidades para o ensino aprendizagem. Desta maneira, a escola é um ambiente vivo, dinâmico, e de superações, sendo essencial considerar as crianças em todas as suas dimensões.

Wallon (1968), em sua teoria da psicogênese, divide o desenvolvimento humano em etapas sucessivas, nas quais há predominância alternada, ora da afetividade, ora da cognição. Em todas essas etapas, existe o entrelaçamento dos aspectos afetivos e cognitivos, sendo que as conquistas no plano afetivo são utilizadas no plano cognitivo, e vice-versa. (WALLON, 1968, citado por LEITE; TAGLIAFERRO, 2005, p.3)

Para Wallon (2007), é importante considerar a afetividade como um elemento indissociável ao processo de ensino aprendizagem. Conforme o autor, “é inevitável que influências afetivas que rodeiam as crianças desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante.” (WALLON, 2007, p.122).

Segundo Mahoney e Almeida (2005), é indispensável o conhecimento da relação do processo do desenvolvimento infantil e da aprendizagem, para que o professor possa planejar e realizar atividades produtivas conforme esses estágios de desenvolvimento.

Com isso, percebe-se a importância de conhecermos os processos de ensino aprendizagem e os aspectos que norteiam o desenvolvimento infantil.

3 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino fundamental no Brasil passou a ser de nove anos desde 2006, e inclui crianças que completam anos até o dia 31 de março do ano corrente (BRASIL, 2006). Conforme a Lei 11.274, é preciso assegurar as necessidades das crianças de

brincar e aprender, de maneira que o trabalho pedagógico seja organizado e voltado para as especificidades da infância, sendo assim, é fundamental o diálogo entre a educação infantil e o ensino fundamental. (BRASIL, 2006).

Nas orientações gerais para o ensino fundamental de nove anos do Ministério de Educação e Secretaria de Educação Básica – Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental baseadas em pesquisas e experiências práticas, foi construída uma representação que envolve as características das crianças de seis anos que as distingue de outras faixas etárias, como a vontade de aprender aliada à sua forma extraordinária de interagir e conhecer o mundo por meio de brincar, com curiosidade, movimentação e a imaginação. (BRASIL, 2004).

Nessa faixa etária a criança já apresenta grandes possibilidades de simbolizar e compreender o mundo, estruturando seu pensamento e fazendo uso de múltiplas linguagens. Esse desenvolvimento possibilita a elas participar de jogos que envolvem regras e se apropriar de conhecimentos, valores e práticas sociais construídos na cultura. Nessa fase, vivem um momento crucial de suas vidas no que se refere à construção de sua autonomia e de sua identidade. (BRASIL, 2004).

As possibilidades de aprendizagem das crianças são determinadas pelas experiências e pela qualidade das interações, determinadas no meio sociocultural na qual estão inseridas. Para tanto, é importante a participação da família, da escola e dos professores, como mediadores culturais no processo de formação das crianças. (BRASIL, 2004).

É preciso analisar os estudantes da educação infantil e ensino fundamental como crianças e não somente como estudantes. De acordo com Kramer (2007, p. 20), “a educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos, saberes e valores, cuidados e atenção, seriedade e riso”.

Segundo o Ministério de Educação (BRASIL, 2004), é necessário que a escola esteja preparada para receber estas crianças que ingressaram no ensino fundamental, para que se sintam seguras ao enfrentar os desafios dessa nova etapa educacional. Principalmente neste momento que estarão em contato com novas formas de representação, aprendendo a utilizar as múltiplas linguagens: corporal, gestual, oral, escrita, plástica, musical, e, sobretudo, a qual lhe é peculiar a linguagem do faz-de-conta.

Sendo assim, a entrada no ensino fundamental deve dar continuidade às experiências anteriores, tanto as vividas pelas crianças que não frequentaram a

educação infantil como para aquelas que frequentaram, para que progressivamente e sistematicamente os novos conhecimentos sejam incorporados e modificados. (BRASIL, 2004).

Para as crianças no 1º ano do ensino fundamental, tenha ela frequentado ou não a educação infantil, o ensino fundamental é um novo cenário. Nascimento (2007) cita o seguinte relato: para ilustrar essa experiência, na perspectiva da criança:

É o primeiro dia do ano, a escola está preparada para receber as crianças para mais um ano letivo. Para algumas crianças, essa já é uma rotina conhecida, mas para Luiza, que está indo para a escola pela primeira vez, não. Em seus olhos é possível notar um misto de medo e desejo. Ela chega acompanhada por sua mãe. A sineta toca e todos se dirigem para as salas. Mariza acompanha Luiza até o encontro com a professora. A escola parece enorme aos olhos de Luiza. Ao encontrar com a professora, essa lhe dirige a palavra, abaixa, ficando da sua altura e diz: — Oi Luiza, eu estava te esperando. Sabe, podemos fazer muitas coisas diferentes aqui na escola. Eu vou ser sua professora e nós vamos brincar muito juntas. (BRASIL, 2005 citado por NASCIMENTO, 2007, p. 30).

De acordo com o relato e também para Nascimento (2007), a professora faz o papel de mediadora entre as expectativas da aluna e do novo cenário, fazendo com que a criança se sinta acolhida e inserida na escola.

Desse modo, é fundamental valorizarmos e reconhecermos as especificidades da infância. Isso é destacado em Brasil (1998):

Crianças pequenas são seres humanos portadores de todas as melhores potencialidades da espécie * inteligentes, curiosas, animadas, brincalhonas, em busca de relacionamentos gratificantes, pois descobertas, entendimento, afeto, amor, brincadeira, bom humor e segurança trazem bem-estar e felicidade; * tagarelas, desvendando todos os sentidos e significados das múltiplas linguagens de comunicação, por onde a vida se explica; * inquietas, pois tudo deve ser descoberto e compreendido, num mundo que é sempre novo a cada manhã; * encantadas, fascinadas, solidárias e cooperativas, desde que o contexto ao seu redor e principalmente nós adultos/educadores saibamos responder, provocar e apoiar o encantamento e a fascinação, que levam ao conhecimento, à generosidade e à participação. (BRASIL, 1998).

Portanto, um ambiente mútuo de respeito entre professores-alunos, alunos-alunos e todos engajados pela busca do saber é essencial para o processo de ensino aprendizagem.

Sobre essas relações, Salles e Faria (2007) destacam que:

Considerar a criança como sujeito é levar em conta, as relações que com ela estabelecemos, que ela tem desejos, ideias, opiniões, capacidade de decidir, de criar, de inventar, que se manifestam desde cedo, nos movimentos, nas suas expressões, no seu olhar, nas suas vocalizações, na sua fala. É considerar, portanto, que essas relações não devem ser unilaterais – do adulto para a criança -, mas relações dialógicas – entre o adulto e a criança -, possibilitando a constituição da subjetividade da criança, como também contribuindo na contínua constituição do adulto como sujeito (SALLES; FARIA, 2007, p.44).

Segundo Vygotsky (2000), a criança é um sujeito social, que aprende e se desenvolve no processo das interações. De acordo com o autor, observar, valorizar e enxergar a natureza e as especificidades das crianças é fundamental no processo de ensino aprendizagem. (BRASIL, 2004).

Neste sentido, o adulto deve ser um propulsor das potencialidades da criança e do seu desenvolvimento infantil. Como afirma Vygotski (2003, p. 113), “aquilo que é desenvolvimento proximal hoje, será nível de desenvolvimento real amanhã”.

4 A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Vygotski (2007) defende que por meio da interação com os outros a criança incorpora a cultura e inicia a construção do conhecimento.

As crianças na idade escolar passam a participar de um novo contexto, iniciam relações com os novos colegas e com o professor. Elas passam a representar uma nova fonte de relações, com novas possibilidades de interações, que geralmente vêm acompanhadas do desejo de aceitação no grupo. (MARTINELLI; SCHIAVONI, 2009).

De acordo com Newcombe (citado por MARTINELLI; SCHIAVONI, 2009, p.328):

Para participar adequadamente de um grupo é exigido um grau de aceitação por parte de seus membros. Na dinâmica da sala de aula, pode-se observar que alguns alunos são mais aceitos que outros, e que geralmente esses são os que demonstram grande número de competências cognitivas e sociais, o que pode resultar em comportamentos mais amigáveis e afetuosos, além de formas mais eficazes de interação. Os alunos menos aceitos por seus pares apresentam um padrão de comportamento característico, que inclui conflitos, ser alvo de provocações, brigas, discussões e agressões, imaturidade, habilidades sociais e

cognitivas reduzidas. (NEWCOMBE, 1999, citado por MARTINELLI; SCHIAVONI, 2009, p. 328).

Mahoney e Almeida (2005, p. 26) também destacam que “a forma como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento e nas relações aluno-aluno”.

A relação professor-aluno é necessária para o engajamento das crianças na aprendizagem, é também a base para a aquisição do saber e das crenças adaptativas sobre si mesmo e sobre o mundo social, assim como das competências autorreguladoras, sociais e emocionais, as quais são primordiais no ambiente escolar. Dessa maneira, uma relação positiva da criança com o adulto estabelece por si mesma a condição de proteção, e também fatores protetores, como autoestima, desenvolvimento moral e autoeficácia, comprometimento e adaptação escolar, a interação com os colegas e com a escola. (BAKER 2006; BIRCH; LADD, 1997 citado por BARBOSA, CAMPOS, VALENTIM, 2011, p. 454).

De acordo com Baker (2006; BIRCH; LADD, 1997, citado por BARBOSA, CAMPOS, VALENTIM, 2011, p. 454), a relação professor-aluno é o eixo condutor para a aprendizagem e para a percepção do aluno sobre si mesmo como um ser social, integrado à escola. E se esta relação for positiva, pode auxiliá-lo na sua adaptação e interação com os colegas e com a escola. Pode elevar sua estima, além de ser fundamental para o comprometimento com a aprendizagem.

Martinelli e Schiavoni (2009) afirmam que as crianças que sucessivamente acumulam experiências de insucesso na escola acabam construindo uma imagem negativa de si mesmas e conseqüentemente surgem dificuldades de relacionamento e de aprendizagem.

Portanto, é possível perceber que a relação professor-aluno influencia no processo de ensino aprendizagem e nas interações que se constroem na escola. E de acordo com Freire (1996), todo o professor tem influência sobre os seus alunos:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 73).

Freire (1996) destaca ainda que seja como for o professor, sempre deixará marcas, e a relação professor-aluno perpassa por toda a vida escolar, interferindo no processo de ensino aprendizagem. Para o autor, “a prática escolar é tudo isso:

afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança.” (FREIRE, 1996, p. 143).

Sobre afetividade na escola, Freire (1996) faz a seguinte reflexão:

A afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício da minha autoridade. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigurosidade. Pelo contrário quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. (FREIRE, 1996, p.141).

Segundo o autor, as relações afetivas não podem interferir no cumprimento do dever, mas estão entrelaçadas no processo de ensino aprendizagem (FREIRE 1996, p.141). Ou seja, quanto mais o professor domina os conteúdos, tem coerência ao transmitir o conhecimento, e dialoga com o aluno, torna a sua prática educativa mais significativa.

Libâneo (1994) destaca sobre o professor e o processo de ensino:

Em cada momento do processo de ensino o professor está educando quando: estimula o desejo e o gosto pelo estudo, mostra a importância dos conhecimentos para a vida e para o trabalho, exige atenção e força de vontade para realizar as tarefas; cria situações estimulantes de pensar, analisar, relacionar aspectos da realidade estudada nas matérias; preocupa-se com a solidez dos conhecimentos e com o desenvolvimento do pensamento independente; propõe exercícios de consolidação da aprendizagem e da aplicação dos conhecimentos. (LIBÂNEO, 1994, p.99).

Conforme assinala Libâneo (1994), o professor tem como uma de suas funções promover situações em que o aluno possa avançar no seu conhecimento. É importante trabalhar as relações sociais já existentes e modificá-las, com o objetivo de participar do processo da formação humana dos alunos. (LIMA, 2007).

Estabelecer relações de afetividades com os alunos, oportunidades culturais, criar um espaço significativo e prazeroso, despertar a curiosidade e o interesse, fazem com que o aluno se sinta parte do processo de ensino aprendizagem e agente atuante da escola. (BRASIL, 2004).

Neste momento o coordenador pedagógico tem o papel fundamental de acompanhar todo o processo de ensino-aprendizagem, articular estratégias e possibilidades que favoreçam a construção do conhecimento. O coordenador tem

como uma de suas funções organizar o trabalho pedagógico, envolvendo a equipe escolar, os professores e a direção da escola. (LIMA; SANTOS, 2007, p. 84).

É sua competência a promoção de momentos de formação continuada, nos quais os professores poderão refletir sobre as questões que estão intrinsecamente relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, o coordenador pedagógico estabelecerá as práticas pedagógicas que valorizarão os conhecimentos que os alunos trazem para a escola e propiciarão novas oportunidades de aprendizagem. Isso permitirá a reflexão e a consideração da afetividade como parte integrante do processo escolar. (PLACCO, 2003).

Assim, para que o coordenador consiga atingir os seus objetivos no ambiente escolar é fundamental o diálogo, colocando o aluno no centro do processo, pois a escola é um ambiente de transformação social, voltada para a cidadania. (GOURLAT, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura realizada sobre a relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem, com ênfase na necessidade do professor conhecer o desenvolvimento infantil e as particularidades da infância possibilitou reconhecer a importância da valorização do conhecimento que a criança traz para a escola, as suas potencialidades e as suas expectativas quanto ao novo ambiente escolar. A relação professor-aluno e o conhecimento no 1º ano do ensino fundamental possibilitou uma reflexão sobre a inserção das crianças no ensino fundamental, tanto para o aluno que frequentou, quanto para aquele aluno que não frequentou a educação infantil, com foco nas especificidades da infância. É possível perceber que nesta fase da educação, as crianças com seis anos de idade chegam à escola, em especial, ansiosas por aprender.

Desse modo, as orientações gerais para o ensino fundamental de nove anos são importantes, pois ressaltam a necessidade da organização da escola para receber crianças de seis anos no ensino fundamental, considerando a estrutura, o espaço, o tempo, além dos conteúdos, metodologias, objetivos, planejamento e avaliação. Com tudo isso promove um ambiente prazeroso e propício para a aprendizagem, permitindo que as crianças iniciem no ensino fundamental de forma

mais natural possível. Além de tudo, essa relação professor-aluno tem influência também sobre a aprendizagem e sobre a percepção do aluno sobre ele mesmo, e sobre as relações que constrói com seus colegas. Isso responde a pergunta de como a relação professor-aluno contribui no processo ensino aprendizagem de crianças do 1º ano do ensino fundamental.

Esses questionamentos devem ser realizados pelo coordenador pedagógico que tem como um dos papéis a promoção do diálogo com os professores, com a direção e equipe escolar. Também é necessário o estímulo aos professores para uma formação continuada, buscando a reflexão e a discussão sobre a aprendizagem, a sala de aula, os conteúdos, a avaliação, o desempenho, as atitudes, os valores e o relacionamento com os alunos e entre os alunos. É fundamental que os professores estejam em constante atualização e estimulados a aprimorar e aperfeiçoar seus conhecimentos e suas práticas pedagógicas.

A perspectiva futura é o desenvolvimento de uma pesquisa exploratória, a fim de obter dados quantitativos e qualitativos, por meio de entrevistas, estudos de caso e observações. E, a partir dos resultados, articular e propor estratégias e metodologias para que as relações na escola se desenvolvam de forma a favorecer o ensino-aprendizagem, com a valorização das potencialidades dos alunos e o reconhecimento das diferenças e do tempo de aprender de cada aluno.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. J. G.; CAMPOS, R. A.; VALENTIM, T. A. **A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno**. Campinas. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n4/06.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de Nove Anos – Orientações Gerais**. Brasília. 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n.22, 17 dez. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/parecer_ceb_22.98.pdf>. Acesso em: 2016.

CORSINO, P. **As crianças de seis anos e as áreas de conhecimento**. Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 57-68. Disponível em: <<http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufpr/mod/data/view.php?id=4188>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FARIA, V.; SALLES, F. **Currículo na Educação Infantil: Diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica**. São Paulo: Ed. Scipione, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **Brincar, crescer e aprender. O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

GOURLAT, C. **A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores**. Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p.85-96. Disponível em: <<http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufpr/mod/data/view.php?id=4188>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (Orgs.). **Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p.13-23. Disponível em: <<http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufpr/mod/data/view.php?id=4188>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

KRAMER, S. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: CAVALIERE, B.; KRAMER, S. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 51-81.

LEITE, S. A. S.; TAGLIAFERRO, A. R. **A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível**. Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200007 &lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 17 abr. 2016.

LIBÂNEO, J. C.. **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994.

LIMA, E. S. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano** / [Elvira Souza Lima]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 2007. Disponível em: <<http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufpr/mod/data/view.php?id=4188>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

LIMA, M. R. C. **Paulo Freire e a Educação Escolar**. Curitiba: Ed. Liber Livro, 2007.

LIMA, P. G; SANTOS, S. M. O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas. **Revista de Educação Educere et Educare**, Cascavel, v.2, n.4, p.77-90, jul./dez. 2007.

MAHONEY A. A.; ALMEIDA, L. R. **Afetividade e Aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon**. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-6975200500010000>. Acesso em: 05 abr. 2016.

MARTINELLI, S. C.; SCHIAVONI, A. **Percepção do aluno sobre sua interação com o professor e status sociométrico**. Campinas. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2016.

NASCIMENTO, A. M. **A infância na escola e na vida: uma relação fundamental**. Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 57-68. Disponível em: <<http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufpr/mod/data/view.php?id=4188>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky - Aprendizado e desenvolvimento - Um processo sócio-histórico**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

PLACCO, V. M. N. S. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ROMANOWSKI, J. P. **Formação e Profissionalização docente**. 3. ed. Curitiba: Ibpex, 2007.

SCHIAVONI, A.; MARTINELLI, S. C. **Percepção de alunos sobre as expectativas do professor acerca de seu desempenho: um estudo comparativo entre alunos com e sem dificuldades de aprendizagem**. Interação em Psicologia, v.9, n.2, p.311-319, 2005. Disponível em: <revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/4785/3673>. Acesso em: 11 abr. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de: BEZERRA, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALLON, H. **A evolução psicológica da Criança**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.